

## **A maravilhosa cidade espetáculo no palco do jornalismo Belle Époque<sup>1</sup>**

Marta Eymael Garcia SCHERER <sup>2</sup>  
Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília, DF

### **Resumo**

No ano – e em um evento – que comemora os 450 anos do Rio de Janeiro, nada mais apropriado do que revisar a produção jornalística de uma época em que a cidade vivia seu esplendor. Na virada do século XIX para o XX, a então Capital Federal foi palco de grandes transformações, relatadas por uma imprensa poderosa e atuante, que registrava a vida carioca em clima de *Belle Époque* Tropical. Através dos textos impressos e expressos de seus jornalistas, com especial ênfase para as crônicas de Olavo Bilac, este artigo aborda a relação da comunicação com a cidade espetáculo por excelência, o Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro; crônica; Belle Époque; Olavo Bilac; história do jornalismo

Foi notadamente ao longo do século XIX que o homem consolidou algo portentoso na história da vida humana moderna ocidental: a cidade. Não apenas por ser o palco de duas das mais intensas experiências vividas pelo homem - a máquina e a revolução - mas também por causa da majestade do cenário e suas implicações, a cidade produziu novas formas de se relacionar e comunicar.

Saudada pela grande maioria como o ápice do progresso humano, a vida citadina também encontrou críticos, que não foram poucos. De todas as maneiras, não passou despercebida por aqueles homens e mulheres que rompiam com modos de vida há séculos arraigados. Os entusiastas eram maioria, como se pode ver num artigo de 1908, escrito pelo arquiteto alemão August Endell, quase que alegoricamente intitulado *Beleza da Metrópole*: “Força inventiva, pertinácia audaz, coerência admirável, síntese de projetos audaciosos e trabalhos individuais esmerados – tudo isso plasma ao nosso redor um mundo tão rico e tão cheio de vida que nenhuma época jamais conheceu” (FABRIS, 2000. p. 69).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em literatura, jornalista, assessora-chefe do Ministério Público Federal de Santa Catarina, professora orientadora na Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU) email: [martascherer@gmail.com](mailto:martascherer@gmail.com)

Como explica Adrian Gorelik (apud MIRANDA, 1999, p.55) no texto *O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização*: “A cidade americana não é apenas o produto mais genuíno da modernidade ocidental, mas também, ademais, é um produto criado como uma máquina para inventar a modernidade, estendê-la e reproduzi-la”. O Rio de Janeiro é a cidade brasileira paradigmática desta modernidade americana, estudá-la e entendê-la é fundamental para pensarmos a relação da comunicação com a vida cidadina. É preciso se debruçar sobre o Rio de Janeiro não somente como um lugar, mas quase como uma ‘máquina’ criada para inventar e reproduzir os tempos modernos e que, como tal, presta-se “à multiciência de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de significados.”(PESAVENTO, 2002, p. 9).

Foi através do porto desta maravilhosa, que agora completa 450 anos, e pelos mais de quinhentos mil habitantes que viviam no Rio de Janeiro em 1890, número que dobra até 1920, que se vivenciou o início da modernidade brasileira. É a partir dela e deles que se desenvolverão mudanças fundamentais nos processos comunicacionais que implicavam diretamente em mudanças na vida urbana e social. A maior cidade do país, terceiro porto americano em volume de comércio, superado apenas por Nova Iorque e Buenos Aires, serve como paradigma para todo Brasil, da mesma forma que Paris era o modelo a ser seguido pelas capitais americanas.

Embora o Rio de Janeiro estivesse muito longe de ser Paris e não apresentasse as condições que hoje conhecemos como as de uma metrópole, as pessoas sentiam-se como cidadãs cosmopolitas. Ainda que a industrialização somente se consolide no país em meados do século XX, fatores como o fluxo de informações, a violenta urbanização, a imigração e os avanços tecnológicos fizeram com que os habitantes do Rio de Janeiro vivessem um estado de euforia modernizadora. Nessa fase, como explica Beatriz Sarlo, “a cidade é vivida a uma velocidade sem precedentes, e as conseqüências desses deslocamentos rápidos não são apenas funcionais. A experiência e a luz modulam um novo elenco de imagens e percepções”. (SARLO, 1997, p.203)

Durante os anos 1903 a 1906 grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural agitaram a então Capital Federal. A implementação das novidades no Rio de Janeiro foi realizada em ritmo acelerado e cercada de polêmicas. José Murilo de Carvalho lembra que a capital econômica, política e cultural do país sentiu de forma muito

mais intensa que as demais cidades brasileiras as mudanças que vinham sendo gestadas desde o império e que culminaram com a abolição da escravidão e na proclamação da República. E que essas transformações fizeram com que “de uma maneira ou de outra, para melhor ou para pior, grande parte dos fluminenses foi pela primeira vez envolvida nos problemas da cidade e do país” (CARVALHO, 1987, p.16). A cidade era o cenário das sucessivas substituições, no qual, no dizer de Nicolau Sevcenko, “a nova classe conservadora ergue um decor urbano à altura de sua empáfia”(SEVCENKO, 1989. p30) .

É nesse movimento, que se convencionou chamar de bota-abaixo, que as transformações da urbe carioca aparecem com mais nitidez e se cristalizam. Com o nome oficial de “Plano de Embelezamento e Saneamento da Cidade”: o popularmente famoso bota-abaixo trouxe grandes mudanças para a capital do país. Tal plano nada mais era do que a reformulação e ampliação do antigo “Plano de Melhoramentos”, de 1875, que previa a abertura de grandes eixos de circulação da cidade e que havia sido elaborado por uma comissão da qual faziam parte o próprio Pereira Passos –agora prefeito - e os engenheiros Jerônimo de Rodrigues de Morais Jardim e Marcelino Ramos da Silva.

No Rio de Janeiro do início do século, essa questão da territorialidade manifesta-se de forma latente. Nesse período, conhecido como a Belle Époque, a cidade vai passar por modificações decisivas na sua estrutura urbana. Através da reforma de Pereira Passos (1904), é realizada uma série de medidas para estabelecer a sintonia da cidade com a modernidade. Mas esta sintonia é precária, lacunar e, sobretudo, artificial. (VELLOSO, 1990, vol. 3, n. 6).

Um dos mais importantes cronistas do período e da história do jornalismo brasileiro, João do Rio escreveu sobre o desaparecimento do Rio de Janeiro antigo, o que lastimava, já que “uma cidade moderna é como todas as cidades modernas”, nas quais o progresso se impõe e “destrói vinte ruas e solta sobre as ruínas um automóvel.” É em tom de lamento que o jornalista escreve:

O Rio - cidade nova - a única talvez no mundo – cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris, e ruíram casas e estalaram igrejas, e desapareceram ruas e até ao mar se pôs barreiras. Desse descombro surgiu a urbs conforme a civilização, como ao carioca bem carioca, surgia da cabeça ao pés o reflexo cinematográfico do homem das outras cidades. Foi como nas mágicas, quando há mutação para a apoteose. Vamos tomar

café? Oh! Filho, não é civilizado! Vamos antes ao chá! E tal qual o homem, a cidade desdobrou avenidas, adaptou nomes estrangeiros, comeu à francesa, viveu à francesa. (RIO, 1909, p.214)

Lima Barreto, outro grande jornalista do início do século XX, faz coro a João do Rio, quando escreve que as autoridades acreditam ser necessário que o Rio se aproxime mais de Buenos Aires e, em tom irônico, afirma: “A capital da Argentina não nos deixa dormir”. E continua, na mesma crônica publicada em 1911: “Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão” (BARRETO, 2004, p.101). Foram muitas e rápidas as transformações – concretas e ideológicas - que tentaram tornar possível essa semelhança entre as metrópoles americanas, sobretudo os do Sul do continente, entre as quais o Rio de Janeiro se destaca ao lado de Buenos Aires, com as do mundo europeu. Tal semelhança, entretanto, enfrentava um grande obstáculo para que pudesse se concretizar: o fato de que, nas palavras de Nestor Canclini, “tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente” (CANCLINI, 2003, p.67).

A tensão na construção dessa modernidade que se impôs é relatada por muitos escritores da época, assim como a necessidade do Brasil em se inserir no mundo moderno. Em conto como sugestivo nome de *Evolução* (HARDMAN apud CARVALHO, 1988, p. 24), Machado de Assis coloca na fala de um dos personagens o que passava pela cabeça de muita gente: "O Brasil é uma criança que engatinha, só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro". Escrito em 1884, duas décadas antes das reformas que marcaram a tentativa de entrada na modernidade através da modernização, a frase mostra como o sentido de progresso já era vivido pelas gentes daquele final de século.

Entre tantas crônicas que narram estes eventos, encontramos uma de Olavo Bilac, outro dos mais importantes jornalistas do período, que conta sobre a inauguração de um monumento e das mudanças na cidade:

A cidade, antes de entregar-se no regabofê do carnaval, teve uma linda festa, suave e civilizada: a inauguração da fonte artística, que os industriais portugueses Ramos Pinto & Irmãos ofereceram ao Rio de Janeiro, e que o prefeito municipal mandou colocar no jardim da praça da Glória. No lindo e sóbrio discurso (agora incluído no volume das *Relíquias da Casa Nova*), com que Machado de Assis inaugurou o busto de Gonçalves Dias no Passeio Público, há alguns períodos que devem ser lembrados hoje: “Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins

públicos... Talvez este busto emende o costume; mas, supondo que não, nem por isso perderão os que só vierem contemplar aquela fonte que me ditou páginas tão magníficas” (...) Assim falava o mestre, há cinco anos, no Passeio Público. E nessas palavras está bem indicado e definido o deplorável abandono que, naquele tempo, ficavam os jardins públicos, entregues à solidão e ao silêncio, sossegados e ermos como capelas solitárias. Em cinco anos, porém, houve um milagre. Gonçalves Dias não ficou ali, no Passeio, como num cemitério: o jardim está todos os dias cheio de uma alegre multidão. E outros jardins foram criados, e todos eles estão cheios de gente, da manhã à noite. Se, em cinco anos apenas, relendo este trecho do famoso discurso, já podemos registrar uma tão extraordinária mudança nos hábitos da população – que não será se cotejarmos a época de hoje com a de há vinte ou trinta anos? (BILAC, 25/02/1906)

O texto nos mostra, ainda, como o sonho da modernização a todo custo é vivido nas capitais periféricas e apresenta uma abordagem *sui generis*. Ao desejar transformar os hábitos e investir na remodelação arquitetônica faustuosa, concentrando forças para formar uma sociedade ‘elegante’, a modernidade vivida aqui é como uma vitrine ricamente adornada. Essa fachada transparece uma mentalidade que se quer cosmopolita, mas que antepõe as representações simbólicas ao desenvolvimento propriamente dito.

O caso do Brasil – que em menos de duas décadas passa de um sistema escravocrata para o trabalho livre e sai da monarquia para a república – é exponencial para entender como a modernidade se deu na periferia: de forma tardia e acelerada. Sintetizando esse novo país, sua Capital Federal vive “tempos eufóricos”, usando a expressão tão bem empregada por Antonio Dimas ao referir-se aos primeiros anos do século XX.

Esse sentimento eufórico era gestado e corroborado por grande parte da elite intelectual que através de seus textos publicados nos periódicos criava um Rio de Janeiro supostamente à imagem e semelhança de Paris. Ainda que dentro dessa realidade tenhamos vozes dissonantes, sendo as figuras de Euclides da Cunha, João do Rio e Lima Barreto as mais conhecidas, e que de fato mostravam uma outra e diversa cidade, a imagem que se tinha era a de que agora, sim, o Rio de Janeiro entraria definitivamente na lista das capitais modernas e elegantes.

As cidades, que como nós são organismos vivos em constante evolução, também têm suas crises (...) Vamos morrendo e as cidades vão vivendo; uma doença que, em cada um de nós pode durar um ano, pode nelas durar um século; e felizes de todos nós, daqueles que vivem bastante para poder apreciar, em conjunto, uma dessas peripécias críticas na existência de uma

vasta aglomeração humana. Estamos gozando essa felicidade, no Rio de Janeiro – os que atravessamos vivos estes últimos dez anos. Dez anos de ‘muda’ em tudo: no aspecto e na essência, na forma e no fundo, na superfície e no âmago (BILAC, 16/02/1908)

“Não houve poeta, cronista mais carioca do que Bilac” (BARRETO, 1961, p.234). A afirmação de Lima Barreto pode ser facilmente comprovada na leitura dos textos em prosa de um dos líderes dos intelectuais da então Capital Federal, que aspirava e respirava transformações por todos os lados. “Tu és para mim como uma cidade maravilhosa, defendida por muralhas altíssimas. E, em torno dessas muralhas, eu ando rodando, rodando, de noite e de dia, palpando essas pedras que me ensangüentam as mãos. Cidade da luz, cidade do bem! Quando abrirás as tuas portas?” (Bilac, 11/06/1890), pergunta-se o jornalista, antecipando os tempos que viriam.

Em texto que envia para ser publicado na capital paulista, correspondente que era do jornal *O Estado de S. Paulo*, Bilac escreve do alto das Paineiras, lugar onde gostaria de ficar para todo o sempre, observando de longe “a suja e amada cidade de S.Sebastião”. Como um contraponto à figura do flâneur, amplamente estudada por Walter Benjamin, que percorre as ruas em meio à multidão, o cronista rejubila-se por estar distante, sem ouvir as intrigas, as calúnias e tudo mais que corrói o ambiente urbano. Fixa-se, então, num dos temas que mais o revoltam: a sujeira da cidade. Em diversos textos e com os mais variados pretextos aparece a opinião sincera de Bilac de que o Rio de Janeiro é uma cidade imunda. Do alto das Paineiras a sujeira não se vê, mas o cronista não pode esquecer-la:

Oh! Ficar assim, aqui, para todo o sempre, vendo lá embaixo, estendida à beira da água ou descendo as colinas, com a casaria branca se destacando do fundo verde da vegetação, - a suja e amada cidade de S.Sebastião!... (...) E lembra-se ainda que, vistas de perto, aquelas casinhas são sujas; e de que aquelas praias tão bem desenhadas, são na realidade uma sucessão de atoleiros; e de que aquela orla clara de espumas é um torvelim de cisco, de limo e de algas podres; e de que aquelas ruas são esburacadas e imundas; e de que ali embaixo medra uma politicagem que é capaz de ir até o assassinato...Ah, como seria bom poder ficar aqui para todo o sempre, em sossego!(BILAC, 11/11/1897).

O olhar do cronista vai ao encontro do relato de Luis Edmundo, em *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, no qual o historiador dá ênfase ao fato de que a paisagem é belíssima e privilegiada, porém “ Na madrugada do século o Rio de Janeiro ainda é um triste e

miserável agrupamento de telhados mais ou menos pombalinos, feio, sujo, torto, dessorando os vícios e os preconceitos da velha cidade de Mem de Sá.” (EDMUNDO, 1957, p. 24).

Em 1892 a situação era tão precária que “os obituários este ano registram ostensivamente de 40 a 60 casos de febre amarela por dia. Já não há como fugir à realidade terrível: o Rio de Janeiro está assolado por uma peste horrorosa”(BILAC, 24/01/1892). No mesmo texto Bilac diz que a ‘hedionda’ cidade merece mais do que nunca a denominação de “Pestópolis”, já que além da febre, quem lá vive ainda tem que conviver com a falta de água e a má qualidade dos alimentos. Em outra crônica, publicada sete anos depois, continua a lamentar que não se dê ouvidos aos médicos, que há sessenta anos dizem que a causa da febre amarela é a falta de saneamento das cidades, “mas nada se tem feito. Os dias passam, e a gente continua a esperar que as redes aperfeiçoadas de esgotos, as drenagens de solo e os abastecimentos d’água caíam do céu por descuido. (BILAC apud DIMAS, 2006, p. 312).

Quando no início da República ressurgiu a ideia de mudar a capital do país para o Planalto Central com objetivo de integrar o território, projeto que já havia sido defendido no século anterior e que agora estava previsto na Constituição, a opinião pública e publicada se divide. Olavo Bilac defende a mudança da capital, já que é preciso povoar e desenvolver o interior do Brasil, porém mostra que mesmo a sujeira que tanto combate não seria motivo para se transferir junto com os poderes públicos.

Não cuideis que o planalto da Formosa me faça inveja. Mesmo sem câmaras, sem palácio da Presidência e sem amanuenses, o meu Rio de Janeiro não teme a concorrência da vossa Cabralia ou Paschoalia ou Vera Cruz ou Goyaz. Tereis palácios de mármore, parques de luxo, avenidas e *boulevards*, carruagens e restaurantes... Mas, ó infelizes! Não tereis o mar e não tereis as nossas mulheres daqui, estas divinas e coquetes fluminenses, que são as mulheres mais elegantes da América. Ide-vos todos para a vossa Formosa: deixe-me a mim com a minha Feia. Amo-a assim mesmo, amo as suas ruas finas, torcidas e sujas como intestinos, amo as suas imundices e os seus vícios, os seus horrores de cortesã precoce, a sua futilidade, a sua paixão pelo mexerico e pelo boato, os seus arrebiques de gaiteira, os seus medos, os seus calçamentos esburacados, as suas casas ignóbeis e caras, - amo-a sobre todas as cidades, e sobre todas as coisas, - pelo mar que a beija e pelas mulheres que a enchem! (BILAC, 20/06/1895)

Sua paixão pelo Rio de Janeiro não o impede de relatar e analisar a complexa realidade da urbe, momento em que acentua a ironia em seus escritos, fazendo com que os interesses urbanos e comunitários intermedeiem suas posições políticas. O cronista transforma a cidade em personagem, com direito a nome e até título em francês: Mademoiselle Sebastianópolis. Para deixar sua amada em condições de igualdade com Buenos Aires, a maior “rival” por ser vizinha e latino-americana, o cronista não hesita em defender o concreto em detrimento da arte. “ Porque nosso grande mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades, esgotos, higiene e conforto” (BILAC apud DIMAS, 2006, p.558), afirma em crônica de 19 de abril 1903. Critica o conselho municipal por regenerar o teatro antes de construir a rede de esgoto, defende que não há civilização sem limpeza.

Apesar de dizer que sabe que ninguém precisa de sua opinião, pois suas palavras não hão de “consertar aquilo que já anda torto desde o tempo de Estácio de Sá”, sugere que a melhor maneira de honrar a memória dos cidadãos ilustres é fazer com que a cidade seja digna e civilizada. Para justificar sua posição perante os leitores, escreve uma espécie de parábola e conta a história, supostamente verídica, de um bêbado que repentinamente enriquece ao receber uma herança inesperada, o que o faz sair pela rua comprando tudo o que vê, mas esquecendo-se de se banhar, vestir e arrumar a própria casa. Então, escreve o cronista:

Ah, como te pareces com esse boêmio desafortunado, minha pobre cidade do Rio de Janeiro! Maltrapilha e triste, arrastando pelas ruas esburacadas os teus mulambos e a tua melancolia, queres ter o luxo antes de ter o conforto, e fazes questão de ter monumentos quando ainda não tens esgotos... Já tens o teu altivo Pedro I, cercado de caboclos e jacarés, no meio de um jardim maltratado, que é um valhacouto de vagabundos; tens o teu Pedr’Alvares Cabral envergonhado, voltando a face para não ver aquele medonho casarão em ruínas perto do qual o plantaram; tens o teu Osório, colocado em frente a um cais arreventado e junto de um mercado podre; tens o teu Caxias, já todo estragado pelas mãos dos meliantes notívagos; e tens o teu João Caetano, o teu José Bonifácio, o teu Alencar, todos eles condenados à imobilidade perpétua, em praças que não tem calçamento, esquecidas das vassouras da limpeza pública, e em cujos buracos cresce o mato bravo. Agora vais ter o teu Rio Branco e o teu Tiradentes... Como se, tendo muitas estátuas e muitos monumentos, ficasses livre da imundice e da febre amarela. (...) Plantar a estátua de um grande homem numa praça imunda não me parece homenagem agradável... sempre haveria tempo para cobrir de estátuas esta amada cidade, quando, saneada, calçada e lavada, ela já não lembrasse uma das torpes cidades da China ou da Turquia. (BILAC, 20/04/1902)



Ao escrever a Revista do Anno de 1895 para a *Gazeta de Notícias*, Bilac comenta que é em vão que desperdiça papel, tinta e bico de pena a favor dos melhoramentos da cidade, pois, segundo ele, os cariocas têm uma opinião ‘inabalável’ e parecem nunca querer mudar. Lastima o cronista: “1895 viu repetir-se a tentativa, a tantas vezes feita, do alargamento das nossas ruas. Querem dar a Sebastianópolis alguns *boulevards* amplos e claros, por onde o povo e o ar possam a vontade circular Mas Sebastianópolis parece ter boas razões para se opor a isso”(BILAC, 05/01/1896).

É assim que Olavo Bilac apoia as mudanças planejadas no momento que Pereira Passos assume a Capital Federal, em janeiro de 1903, e lança suas metas de governo, escolhido que fora para tal tarefa pelo presidente Rodrigues Alves. Consciente do volume e das proporções que tomariam as reformas, o prefeito nomeado exigiu carta branca para executá-las, o que lhe foi concedido através de uma lei promulgada em dezembro de 1902. “ A lei era equívoca, arbitrária e visivelmente anticonstitucional, atribuindo poderes tirânicos ao prefeito e retirando qualquer direito de defesa à comunidade”, afirma Nicolau Sevcenko (1993. p.46). Com tantos poderes e um empréstimo equivalente a 4 milhões de libras, não foram poucas as críticas ao novo prefeito. Lima Barreto foi o maior dos críticos das administrações do Rio de Janeiro de seu tempo, como nesta crônica intitulada *O prefeito e o povo*:

Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas partes: uma será européia e a outra, a indígena (...)

De resto, municipalidade supõe-se ser, segundo a origem, um governo popular que cuide de atender, em primeiro lugar, ao interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da gente pobre. (...) Municipalidades de todo o mundo constróem casas populares; a nossa, construindo hotéis chics, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser... (BARRETO, 1956, p.117)

Nas crônicas de Bilac, entretanto, somente elogios aparecem. O fato de chegar a aparecer na foto oficial da comissão de obras não é aqui mero acaso, o jornalista definitivamente estava ao lado de quem transformaria ‘Pestópolis’ na Paris dos trópicos. Com ironia, critica contundentemente o jornal que diz ser quixotesco o programa da recém empossada

administração. No texto, conclama Pereira Passos a não ter medo das sovas e a ser D. Quixote, como o foi para Paris o Barão de Haussman, para Lisboa o Marquês de Pombal e Torcuato Alvear para Buenos Aires. É esse o Bilac que escreve o texto a seguir, que muito já foi transcrito em trabalhos sobre o período, mas que vale a pena repetir:

Chorai barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa última hora...Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes de fealdade, templos de hediondez -, como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura! (BILAC apud DIMAS, 2006, p.532).

No período do bota-abixo vemos o cronista exacerbar todo seu entusiasmo e amor pela cidade. Os textos nos remetem à imagem de um jovem deslumbrado com a possibilidade de ver seu sonho concretizado, mas não podemos esquecer de sua então posição de intelectual a serviço do poder público. Na foto oficial da comissão de obras, afinal, vemos a figura do cronista em meio aos engenheiros e políticos. Com tanto ‘engajamento’, parece óbvio que escreva que seu ‘bom povo da linda e amada cidade’, está delirante por, finalmente, não receber somente “Imposto e pau; ruas tortas e sujas; casas imundas...e às vezes atravessadas por balázios; estados de sítio e bernardas; febre amarela e tédio”, mas sim ganhar de presente “uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz.”

Um perfeito porta-voz da belle époque carioca é como Jeffrey Needell (1993, p.235) rotula Olavo Bilac, por sua posição de representante da civilização e crítico do ‘atraso’ urbano. É considerado o cronista de sua geração que lutou de forma mais contundente, clara e objetiva pela melhoria da condição urbana. Suas crônicas defendem continuamente as reformas, sempre na ânsia de vertransformada a então Capital Federal na Paris dos trópicos, projetando em seus textos a cidade ideal que gostaria que fosse tornada real. Já nos primeiros meses de 1905 nos dá detalhes sobre as negociações do empréstimo destinado às obras de saneamento, comemorando a nova era de progresso e reabilitação moral que se inicia, já que

Os minutos da imundice e do opróbrio estão contados. Se o Diabo não se meter no meio dos projetos, o Rio de Janeiro deixará, dentro de poucos anos, de abrigar

no seu seio o espantinho da febre amarela. O trabalho já começou. Não se dá um passo na velha e imensa cidade que se não sinta a influência de uma administração inteligente a capaz. Ajardinam-se praças, abrem-se ruas, deitam-se por terra pardieiros, reformam calçamentos, decretam-se medidas enérgicas contra as epidemias. Parece que a Providência Divina quis enfim descerrar-nos os olhos e obrigar-nos a ver aquilo que uma voluntária e criminosa cegueira nos encobria. (BILAC, 17/05/1903)

Nos 20 anos que publicou em periódicos, o jornalista Olavo Bilac escreveu sobre quase todas as questões e visões da sua ‘amada sebastianópolis’, desde relatos policiais até o aparecimento de novas tecnologias, passando pelos hábitos da população, o mundo da arte, a situação financeira e política do país. Em todos, a peça principal é a cidade do Rio, tematizada e analisada como nenhum outro assunto em seus escritos.

Ao lado de outros jornalistas de seu tempo, Bilac deixou registro desse momento tão crucial na história da ‘cidade maravilhosa’, momento esse, que moldou uma nova percepção do espaço e do tempo, propiciou o aparecimento da massa, dessa multidão, um personagem absolutamente novo e que foi ressaltado em livros e telas dos artistas mais afinados com seu (novo) tempo. É assim que pela primeira vez que o texto impresso tem um público amplo, seus ‘clientes’ no novo negócio que se instala junto com o capitalismo. “Esta ‘legibilidade’ da urbs influenciará no próprio perfil do homem de letras: antes de saber escrever com elegância clássica, será preciso que ele aprenda a ‘ler’ a cidade”. (DOMINGOS, 2005, p.100).

Para ler este lugar de contradições entre o concreto e o real, de alteridades e cisões, é preciso que o intelectual saia da torre de marfim e caminhe pelas calçadas, pois a rua é o espaço fundamental da modernidade. É nela que se apresentam as novidades e que as pessoas se ‘chocam’, se tocam, se consomem. Nas palavras do ‘especialista’ João do Rio (2009, p.50), a rua é “expansão de todos os sentimentos da cidade”<sup>3</sup>, onde se condensam as diretrizes fundamentais do novo espaço urbano que traz a cidade como um ser vivo, ser esse que trabalha e que é moldado ao sabor do movimento das multidões.

“O interesse atual pela cidade moderna tem se desprendido da própria cidade como dispositivo modernizador, isto é, do que a cidade tem significado historicamente em nossas histórias modernas” (GORELIK apud MIRANDA, 1999, p.57). No Rio de Janeiro da

<sup>3</sup> RIO, João do. *A Rua*. In: *A alma encantadora das ruas. A alma encantadora das ruas*. Organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 50.

virada do século XIX para o XX, o jornalismo o ganha lugar de destaque ao trabalhar para seu desenvolvimento, discutindo as transformações urbanas, as novas formas de viver, as relações da urbe com sua gente. É nas páginas impressas que encontramos anotações e processos que têm como plano de fundo o mesmo cenário: a maravilhosa cidade espetáculo.

### Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_ **Vida urbana: artigos e crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_ **Toda crônica**. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BILAC, Olavo. **Vedada**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 11/06/1890 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Vida Fluminense**. O Combate. Rio de Janeiro, 24/01/1892– texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Chronica**. A Cigarra. Rio de Janeiro, 20/06/1895 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Revista do Anno de 1895**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 05/01/1896– texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Diário do Rio**. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 11/11/1897– texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Chronica**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. 20/04/1902 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Chronica**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 17/05/1903– texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

\_\_\_\_\_ **Chronica**. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 25/02/1906 – texto recolhido do arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARVALHO, José Murilo de, (et al). **Sobre o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados** - o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Editora da Unicamp, 2006.

DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). **A cidade escrita**– literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1957.

FABRIS, Annateresa. **Fragmentos urbanos**: representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

MIRANDA, Wander Melo (Org). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RIO, João do. **Cinematographo**: crônicas cariocas. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.

\_\_\_\_\_ **A alma encantadora das ruas**. Organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. Tradução Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina** – mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 1993.

\_\_\_\_\_ **Literatura como Missão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

VELLOSO, Monica. **As tias baianas tomam conta do pedaço** - Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990.